

MARCELO GAMA: POETA DO DESENCANTO

Dione Maria R. Bitencourt
Gláucia N. da Luz Pires

ESTUDO DE SONETOS

A poesia de Marcelo Gama está impregnada por um estado anímico de desencanto. Na dedicatória de *Via Sacra* isto já se manifesta:

"Caminho do ideal, estrada que conduz
a uma terra de amor e de dias risonhos,
desde muito sonhada em mentirosos sonhos,
e onde querem chegar, subindo entre alcantás,
os poetas, os bons, os visionários todos
que acreditam no sonho e na quimera... — doidos! —"

O poeta afirma-se dentro de um fluxo mais ou menos forte de lugares-comuns do Simbolismo: a sugestão, a evocação, a fugacidade, a interiorização.

O decadentismo, como uma das manifestações exacerbadas do Simbolismo, parece constituir a tônica da visão de mundo desse poeta que se angustia na consciência da transitoriedade de todas as coisas e do próprio homem. O poder corrosivo do tempo, cujo efeito se manifesta no próprio fazer poético, é atenuado com a aproximação do à natureza.

O natural atua não apenas como agente físico normalizador de emoções mas como elemento catalizador destas emoções:

"Anda depressa, ó Sol, que estás parado!
Que fazes tu aí, Sol imprudente?"
(Com o Sol)

A natureza traduz a vibração dos seus sentimentos, a sua exaltação, a sua impaciência, a sua ansiedade. É um elemento de equilíbrio entre o homem e o universo.

"Vim sarar tédios, longe da cidade
a convite e conselho de um amigo."
(Catavento)

"Mal surge o dia, para os montes sigo
a consultar agrastes mal-me-queres,
que os segredos sabem das mulheres,
podem dizer-me se és cruel comigo."
(Buena Dicha)

Pela poesia, o poeta se comunica com o mundo, a criação literária o conscientiza.

"Li hoje tudo o que já escrito havia
comparando o passado com o presente,
Uma cruz ... dores... tédios ... como a gente,
olhando os próprios males se injuria!"
(Última Página)

Para a alma lírica o recordar é um re-viver, é um voltar-se novamente para o acontecido. Marcelo Gama debruça-se sobre o próprio eu que se alimenta do passado.

"Fecho o livro... é pior; maior a mágoa,
pois me vêm pôr nos olhos cheios d'água,
as saudades das lágrimas choradas!"
(Última Página)

Fartos em metáforas e símbolos, os sonetos de Marcelo Gama apresentam ritmo bem marcado, cadenciado pela tristeza e o desencanto de quem sente que alguma coisa se vai perdendo e que isto é inevitável.

II ESTUDO DE POEMAS

Poeta e "jardineiro de dor" é Marcelo Gama uma das figuras mais expressivas do Simbolismo sul-rio-grandense, pela posição que voluntariamente quis assumir diante da vida, e da qual derivou toda sua criação literária. Aquela destinação de poeta e sonhador desafiada a entremear de versos seu caminho, é uma destinação que o irmaniza com o sofrimento e que tece toda sua vida de ilusões, desencanto e desamor. Sua vida constitui-se a au-

têntica VIA SACRA: por ela o poeta trilhou a cantar, a sonhar, a perseguir ideais, a criar imagens poéticas e a buscar harmonias, rumo a sua realização de cultor excepcional do verso; por ela, também, ascendeu à "montanha das dores", perseguindo ilusões, com o coração transformado em jardim onde somente as flores do desencanto, desamor e morte conseguiram vingar. Flores amargas, que num prelúdio de nostalgia tentaram, tão somente, encobrir as curvas de seu caminho, pois, para o poeta, não só "a aventura é um mistério", quanto "o caminho é sem fim" (Via Sacra).

Eis, pois, o "jardineiro da dor" contemplando-se e descrevendo-se a si mesmo. EU é um poema inteiriço, onde todos os aspectos de sua vida, do nascimento à intuição da morte, das circunstâncias periféricas do mundo de sua convivência até os objetivos e valores cristalizados em sua história de homem e de poeta, são minuciosamente prescrutados por uma visão profundamente subjetiva. E ele se vê na dimensão exata de que seus olhos quærem ver: "os meus olhos vêem tudo através de atro véu" (EU,). Essa visão é cheia de "ilusões", de um sentimento de inutilidade, rejeição, vazio, hostilidade, desprezo, esperanças perdidas.

O culto à musa é para o poeta uma fuga e uma compensação ante a impossibilidade da reconciliação com o social; o hermetismo que o isola dos homens e do mundo, que lhe faz ver a vida sempre triste e os homens sempre hostis, gera, na alma do poeta, um profundo tédio — TAEDIUM VITAE — como ele lhe chama, que não lhe permite vislumbrar os encantos da beleza nem os valores do ideal: "Abominável terra, esta onde vivo!..." (Taedium Vitae,). Nem o sol, nem a lua têm encantos e são úteis; lugar nenhum da terra é pousada e guarida:

"Mas onde achar a paz que est'alma aspira?
Se em toda a parte os homens são iguais!
Se aqui na terra são convencionais
honra e virtude, e o mais — tudo mentira."
(Taedium Vitae,)

Enfermo sem cura ante um mal sem remédio, só a morte poderá livrá-lo do tédio e do sofrimento:

"Morrer!... Antes morrer! Que só existe
no renunciar à vida a paz perfeita.
Tornar-se a gente em pó, na cova estreita,
é deixar, finalmente, de ser triste"
(Taedium Vitae,)

Para Marcelo Gama ser poeta é criar ilusões, dar asas à fantasia e ao sonho, sorver o amargo desencanto da vida. A idéia do

desencanto e, sobretudo, do desamor, torna-se uma constante ao longo de sua obra. Amor e ilusão é a diáde que gera o desamor; não que o poeta não possa ser amado, mas porque a ilusão desfaz toda possibilidade de amor. No poema "FUMAÇAS", no evolir do fumo de um charuto se evoluem e misturam e dissipam toda as realidades circundantes, os seus pensamentos, cismares, o estado da alma do poeta, o céu, a tarde, um vestido que passa, a beleza e a graça da mulher — tudo é leve e fugaz como a fumaça que se dissipa nos ares. O desamor está presente, essencialmente, em "TEIA DE ARANHA" e é nesse poema que se pode compreender, simultaneamente, sua dimensão e significado. Como um desafio à sua virilidade, a boca que convida para o beijo, os desejos sensuais atados ao olhar, a carne sadia da mulher que se insinua e o convida para o prazer, são o aceno do amor, mas também são a "teia" armada para escravizá-lo. Portanto, amor-ilusão. E o desamor é o fruto do que o lábio oferecido e a carne sensual escondem: a alma que "atraíçoa", a "alma leviana" que neutralizam a ação do amor:

"Tu'alma leviana atira sobre a gente
um balde de água fria."

(Teia de Aranha, p. 27)

Esta temática é mais palpitante no longo poema "MULHERES", em que o poeta, integrado no ambiente e na paisagem, "afinado o quinteto dos sentidos "assiste" com o mais impertinente interesse de esteta" (Mulheres, p. 139) ao desfilar das mulheres, ao longo da avenida. Ele as mira e admira no seu viço, analisa-as, despa-as, acompanha-lhes o ondular dos quadris, estremece em voluptuosos calafrios. Mas, frente a tudo isso e a todas elas, o que sente o poeta? "Então, o que me vem são sensações de angústia..." (Mulher, p. 145).

Seria inútil tentar atribuir o desamor do poeta à ilusão advinda da alma traçoeira e leviana da companheira. O desamor está ligado a um estado de alma a uma visão subjetiva e a um conhecimento que tinha ou fazia de si. "SUGESTÕES DO OCASO" surpreende o poeta examinando as "chagas" da sua alma, e em "VERSOS DE UM CONVALESCENTE" ouve avisos secretos e sinistros:

"E queixas-te de que és infeliz nos amores!
Mas quem há de te amar, enquanto assim tu fores?"
(Versos de um convalescente)

Uma realidade, contudo, não é indiferente a sua alma: a rejeição absoluta que faz à sociedade — convicção que ele alimenta — é porque os homens são falsos e invejosos e as mulheres só põem a beleza nos encantos do corpo; sua sensibilidade aos encantos da alma é essa realidade, que o faz exclamar:

"..... E terias a palma
se fosse dado a alguém fotografar tua alma...
— não havia mulher tão linda em toda parte."

Os versos pertencem ao poema que leva por título "FEIA", e revelam a subjetiva predileção do poeta pela virtude da alma que comparada às belezas do corpo, "é uma flor que nasceu dentro de uma caveira" (Feia, p. 48). O mesmo apreço pela nobreza da alma se manifesta nos versos "A UMA VELHINHA", em que certos encantos da virtude são postos em realce, com graça e leveza, enquanto os encantos do corpo, em decrepitude, são ameaçados pelos acenos do Coveiro e pela própria Morte que, apesar de tudo, "venera as tuas cãs de prata" (A Uma Velhinha, p. 51).

Subordinada ao estilo e à linguagem do simbolismo, a temática de Marcelo Gama é rica, espontânea, variada, eivada de influências poéticas e culturais as mais diversas. "NOITES DE INSÔNIA" é um extenso poema onde reúne em sucessão de ritmos, em estilo descritivo contemplativo, monologado, mesclado de religiosidade, visões, ironias, críticas, sonhos, alucinações, cenas macabras, um conjunto de imagens e situações que, na descrição, procuram aproximar-se do efeito de um verdadeiro pesadelo, que enche uma NOITE DE INSÔNIA. As coordenadas do poema podem ser resumidas nos versos:

"Longa noite sinistra!
Síntese singular de tudo o que registra
a história de uma dor, da minha dor — virtude
que ilumina e ensanguenta a minha juventude."
(Noite de Insônia)

Uma cadeia sucessiva de sentimentos de "solidão", "sinfonia de ais", "lamentos", "úlceras d'alma", "remorsos" — toda uma terminologia que enaltece a dor, o sofrimento: "E é na dor que a minha alma acha toda a volúpia / do terreno existir; é sempre a dor..." (p. 101)

A narrativa do pesadelo, ponto central de Noite de Insônia, à imagem do sofrimento da clássica descrição de Prometeu Acorrentado, reveste-se de laivos de tragédia e cenas macabras, lembrando as danças satânicas de Baudelaire. A parte final do poema é um abrir de olhos após um despertar sobressaltado, uma retomada de contato com a vida e com a realidade: "vozes", "passos", "as carroças de pão", "uma fábrica que apita", "barulho", "latido de cães"... (p. 109). Mas a inevitável convergência para o fatídico surge até o ato trivial de assentar-se à mesa e descrever em verso o que foi apenas sonhado:

"Abanco-me a escrever..."

E zás! derramo a tinta!
Uma desgraça! Horror! E para que desminta
o azar, e em meu destino o agouro não influa,
corro a janela e atiro um jarro de água à rua."
(Noite de Insônia)

O conjunto da obra de Marcelo Gama deixa sugerir um personagem abatido pelo tédio, arrastando os dias numa existência amarga, deprimido num dia de sol, muito humano e contemplativo num entardecer, ora arrebatado ao céu poético pelo lirismo, ora mergulhado no desespero, vítima de sentimentos de inutilidade e do vazio. Sua sensibilidade instável inclina-se para a tragédia, mas sua imaginação dinâmica enche de densidade lírica e de efeitos cinematográficos uma temática diversificada que reflete as vicissitudes psicológicas e os vários estados de sua alma, quase sempre incompatíveis com o social; cheio de desprezo e hostilidade pelos homens, alimentando uma ironia sutil pela mulher, e tendo para consigo mesmo um profundo sentimento de alheamento e inutilidade, a buscar na morte a solução para todos os males.

ANTOLOGIA

HORAS PARDAS

Hoje sinto-me assim, chelo de desalentos,
e abafa ímpetos vis de proferir insultos...
Tenho no coração as paixões em tumultos,
e incapazes de luta os nervos fastidiosos.

Sou um barco sem leme, à mercê de maus ventos.
Guerreiro em noite má, com ultrajes inultos,
ferido, a tropeçar em corpos insepultos,
cercado pela dor com trinta regimentos.

Olho dentro de mim e fico com pavor...
Quem quisesse trocar sua alma pela minha,
faria a um pobre enfermo um supremo favor...

Ventura de poeta é enganosa miragem...
Que bom ser imbecil como certa gatinha,
e incapaz de sentir a opressão da paisagem...

COM A LUA

Anolece... O infinito se constela...
— Que fizeste da lua, ó noite escura?

Manda-a para que eu veja, lnda, à janela,
a minha doce e amada criatura!

Treva... eu só quero a dos cabelos dela..."
E espero a lua... E nada!... E esta tortura
de não a ver, enquanto o céu se estrela!...
— Que fizeste da lua, ó noite escura?

Recorro aos calendários, neste mês,
e todos: — "Lua cheia a vinte e três".
para que aumente mais esta amargura!

Podem estar erradas as folhinhas...
E espero... Tristes esperanças minhas!...
— Que fizeste da lua, ó noite escura?

ÚLTIMA PÁGINA

Médico a registrar, dia por dia,
melhoras e pioras de um cliente,
assim do meu espírito doente
tenho exarado a intermína agonia.

Li hoje tudo o que já escrito havia,
comparando o passado ao meu presente.
Uma cruz... dores... tédios... Como a gente,
olhando os próprios males, se injuria!

Bem podiam dar vida a uma roseira
os prantos que chorei a vida inteira
e de que estão as páginas manchadas!

Fecho o livro... É pior; maior a mágoa,
pois me vêm pôr os olhos cheios d'água
as saudades dar lágrimas choradas!...

E U

Sou feio se não mente o julzo dos espelhos,
nem é falsa a expressão do que olha para mim!
Também, onde habitar, senão num corpo assim,
esta alma que me põe sangrentos os joelhos?

Porque eu vou me ferindo entre abroihos e cardos,
que tal é, neste mundo, o fadário dos bardos!

Nasci à beira-mar numa noite aziaga,
e comigo este mal incisivo e profundo.

Se eu ouvi, mal cheguei, por desgraça, a este mundo,
uns gemidos de mãe e os soluços da vaga!...

Como não há de ser cheia de dissabores,
vida que despontou com lamentos e dores?

Já sem brilho e sem luz, já de um verde apagado,
os meus olhos vêm tudo através de atro véu.
Se eu tivesse, ao nascer, volvido-os para o céu,
talvez fossem azuis e melhor o seu fado!...

Porém, mal os abri, refleti-os no mar,
e eis que verdes os tenho e exaustos de chorar.

Como é triste dizer: — "Minha mãe já morreu!"
E há dez anos eu sofro esta imensa tortura!
Com certeza Deus quis lhe poupar a amargura
e a vergonha de ver que mau filho sou eu.

Mas a mim não poupou a mágoa de ver quanto
degenerei de um pai que por mim sofre tanto!
Por que Deus orfanou as minhas irmãzinhas?
E vá-se acreditar em coisa do Evangelho!...
Deus bem deve saber que a mão de um pobre velho
não pode dar aconchego a um ninho de avezinhas.

Jardineira que tinha um canteiro a regar,
por que Deus a levou, em vez de me levar?

Inútil! Que fiz eu nestes vinte e três anos?
Nunca tive ilusões que não morressem logo.
Melancolicamente e debalde interrogo
por que e para que arrasto entre os humanos.

Nada fiz!... Nada sou!... Pois lnda vive quem
não é útil a si nem útil a ninguém?!

E eu quisera fazer, sendo bom, sendo útil,
por alguém que eu amasse — um qualquer sacrifício,
de um alheio pesar — minha cruz, meu suplício,
de meu ser e outro ser — um só ser Inconsútil!

Mas, sempre que ofereço a mão ossuda e fria,
rejeiam-na, por ver que eu a estendo vazia!

Sou imberbe, indolente e nem sempre ando limpo...
— um tipo de imbecil, grotesco e extravagante!...

e ver que é sempre simulada ou fria
toda afeição que eu supusera pura.

Conto os meus anos pelas minhas dores,
e são mais minhas dores que os meus anos;
e não bastando os próprios desenganos,
comovem-me os alheios dissabores.

Que uma só vez não há, que eu não vacille,
quando a desgraça os outros arremete!
Já chego a duvidar como Stecchetti:
— Sono un poeta o sono um imbecile?

Tu, que os meus versos lês e que os condenas,
quando não és de todo indiferente,
como és feliz! Como é feliz a gente
que insensível assiste a alheias penas!

Bendita aspiração, ditosa sorte:
— Extinguir-me, ou vencer estes espaços!
Por que nos teus esnifrados braços
não me estrangulas, redentora morte?

Ontem levaste, aqui da vizinhança,
a pobre mãe de três loiros filhinhos,
e entregaste-os à dor! Beijos, carinhos,
mudaram-se em cruel desesperança.

E deixaste-me, entanto, atormentado,
escravo destes miseráveis nervos!
Meus dias, que penso é maldizer-vos,
sendo até pela morte desprezado!

Morrer!... Antes morrer! Que só existe
no renunciar à vida a paz perfeita.
Tornar-se a gente em pó, na cova estreita,
é deixar, finalmente, de ser triste.

E se algum dia for desenterrada
minha carcaça, não de me ver sorrindo...
Por que as caveiras riem, assistindo
deste mundo à infinita mascarada.

F U M A Ç A S

Medito e sonho, de charuto à boca...
E enquanto o fumo azul vai pelos ares,

assisto absorto à desfilada louca
dos meus cismares.

De vez em vez certo vestido passa...
É o vestido e o que penso e sinto e escuto,
tudo é leve e fugaz como a fumaça
do meu charuto.

Tarde vernal e casta e clara e calma.
Tenho um estado de alma estranho e raro:
Vejo, de olhos cerrados que em minh'alma
é tudo claro

E no céu, onde o meu sonho esvoaça,
cada clara visão dura um minuto:
Tudo leve e fugaz como a fumaça
do meu charuto.

Toma a quimera aspectos multiformes:
agora sobe dos céus em arabescos,
depois, desenha, em proporções enormes,
quadros danlescos;

já de novo é o vestido que perpassa,
fênuo, breve, de mesmo, diminuto...
Tudo leve e fugaz como a fumaça
do meu charuto.

Em procissão cantando misereres,
lá vão a desfolhar meus ideais,
mulheres e mulheres e mulheres
açucenais...

E atrás, com véu de noiva, uma carcaça
— a última por quem andei de luto. —
Tudo leve e fugaz como a fumaça
do meu charuto.

Renascem-me desejos sepulcros;
cabrioleia pelo céu meu sonho;
entontece-me o fumo; e, sem cuidados,
vejo risonho,

no ar, a clara e vaporosa cassa
que o corpo de ouro veste-lhe, impoluto...
Tudo leve e fugaz como a fumaça
do meu charuto.

Fumo. E no azul voejam ilusões,
Cismo. E a fumaça espiral nos ares.
Sempre me causa o fumo sensações
bem singulares!

De vez em vez, certo vestido passa...
E o vestido é o que penso e sinto e escuto,
tudo é leve e fugaz como a fumaça
do meu charuto.